O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 41 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7903363

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

O FENÔMENO *BULLYING* NO AMBIENTE PEDAGÓGICO: ESTUDO DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS BASEADOS NAS DIFERENÇAS SOCIAIS E CULTURAIS

Dennys Gomes Ferreira[1]

João Guilherme Rodrigues Mendonça[2]

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o fenômeno do *bullying* no ambiente pedagógico, tema bastante discutido na sociedade contemporânea, tendo em vista a sua complexidade e tudo que envolve: violência (física, verbal, psicológica, social, sexual e virtual), diversidade (sexual, étnico-racial), sociedade, cultura, exclusão e evasão escolar. Por meio do método documental, selecionou-se como objeto de estudo os aspectos históricos e conceituais baseados nas diferenças sociais e culturais e suas relações com a prática do *bullying*. Com base nas discussões sociológicas, abordou-se a questão da prática pedagógica, das inovações curriculares e tecnológicas, com foco no fenômeno do *bullying* no ambiente escolar e a proposição de intervenções com estratégias para a prevenção e/ou redução do *bullying*, a fim de promover a formação cidadã e o respeito às diferenças entre as pessoas. Os dados foram retirados de questionários aplicados a 24 (vinte e quatro) alunos das turmas de 8º e 9º anos de uma escola pública de Manaus e de rodas de conversas com professores da mesma escola. Percebeu-se que a frequência de *bullying* nas escolas é alta, os tipos são variados, envolvem alunos e alunas, e esta pesquisa constatou uma ação oriunda de uma professora. Diante dos dados levantados, constata-se a necessidade de ações interventivas urgentes, envolvendo tanto os discentes quanto os professores e funcionários.

Palavras Chave: *Bullying*; Diferença Social; Diversidade; Intervenção Pedagógica; Violência.

Abstract

This article aims reflect on the phenomenon of bullying in the pedagogical environment, a topic that is much discussed in contemporary society, in view of its complexity and everything that involves: violence (physical, verbal, psychological, social, sexual and virtual), diversity (sexual, ethnic-racial), society, culture, exclusion and school dropout. Through the documentary method, the historical and conceptual aspects based on social and cultural differences and their relationships with the practice of bullying were selected as the object of study. Based on sociological discussions, the issue of pedagogical practice, curricular and technological innovations was addressed, focusing on the phenomenon of bullying in the school environment and the proposition of interventions with strategies for the prevention and/or reduction of bullying, in order promote citizenship training and respect for differences between people. Data were taken from questionnaires applied to 24 (twenty-four) students from the same school. It was noticed that the frequency of bullying in school is high, the types are varied, involve male and female students, and this research found an actions, involving both students and teachers and staff.

Keywords: Bullying; Diversity; Pedagogical Intervention; Social Difference; Violence.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um problema contemporâneo e global, possui maior incidência nas instituições de ensino, quer sejam públicas ou privadas, e isso vem aumentando, expressivamente, nos últimos anos. O termo "*bullying"* é dado aos ataques de ordem psicológica que envolvem quase a totalidade dos alunos,

[1] Gestor Escolar. Mestrando em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: dennys_ed.fisica@hotmail.com

[2] Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: jgrmendonca@unir.br

isso porque uma parte acaba praticando e a outra sofrendo os ataques. Ações que podem ser unilaterais ou recíprocas.

De acordo com Tessaro e Trevissol (2020), os dados das pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como é o caso da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), enfatizam que o *bullying* tem aumentado significativamente nos últimos anos, ocasionando um grande impacto negativo nas relações interpessoais no contexto escolar.

Segundo Olweus (2013), pioneiro e referência nos estudos relacionados ao fenômeno *bullying*, o termo pode ser definido como uma subcategoria de violência caracterizada por comportamentos agressivos intencionais e repetitivos e embasado em relações com desequilíbrio de poder. O autor reforça o fato de o fenômeno ter maior incidência no âmbito escolar, mesmo a sociedade brasileira sendo caracterizada por relações sociais violentas, nas quais as desigualdades sociais imperam e são, notadamente, cada vez mais evidentes. Esses fatores acabam influenciando a vida das crianças e/ou adolescentes, segundo Chalita (2008), levando a certo abuso de poder entre uma pessoa e outra, já que algumas se acham detentoras do direito de envergonhar seu colega perante os outros.

É possível diferenciar a intimidação do *bullying* de outras agressões pela frequência e pela intencionalidade, além de três outras características notáveis a respeito de sua formação, a saber: o ato agressivo em si, quando não resulta de uma provocação; o fato do ato não ser ocasional; e a considerável diferença de poder entre os alunos ofensores e as vítimas.

As vítimas são as que sofrem o ataque e deixam transparecer um sentimento de humilhação e impotência; com a constância dos episódios, passam a apresentar certo desinteresse pelos estudos. Com o passar do tempo, podem apresentar dificuldades, problemas na aprendizagem, depressão e acabam, por vezes, excluindo-se do seu ciclo social ou desistindo de permanecer na escola. Portanto, é necessário que a escola assuma um importante papel na prevenção e redução de práticas de *bullying*, na perspectiva da construção de uma sociedade justa, igualitária e que pratique o respeito mútuo (SALMIVALLI, 1999).

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada "O fenômeno *bullying* no contexto escolar: possibilidades interventivas", pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Para a elaboração do referencial teórico foi realizada a pesquisa bibliográfica por intermédio da revisão de literatura, utilizando-se diversos autores que compõem as bases conceituais desta pesquisa. Os estudos relacionados ao fenômeno *bullying* (aspectos históricos e conceituais, tipos, protagonistas, causas e consequências) tiveram como teóricos Bazzo (2020); Fante (2005 e 2012); Oliveira, Rodrigues e

Miranda (2020); Olweus (2013); Silva (2010); Silva e Borges (2018), entre outros. No que concerne às diferenças sociais e culturais, baseia-se nos estudos de Quadrado, Ferreira e Lima (2018), entre outros.

A discussão aqui apresentada se deu tomando por base os dados coletados por meio de rodas de conversas com os professores, nomeados de P1, P2, P3, P4, P5 e P6, e de questionário realizado com alunos, denominados como A (aluno) e numerados de 1 a 24, buscando manter o anonimato dos informantes, todos eles oriundos de uma escola pública localizada na periferia de Manaus. O questionário constava de 11 (onze) perguntas de múltipla escolha, sendo que algumas delas pediam que fosse justificada a resposta.

Este artigo está estruturado em quatro seções, conforme apresentado a seguir. Na primeira seção consta a introdução, que tem como finalidade apresentar a justificativa, a problemática da pesquisa e as reflexões que tratam da relação entre a violência escolar e sua prática no âmbito educacional, explanando sobre o fenômeno *bullying* e suas consequências. A segunda seção aborda o contexto histórico sobre o fenômeno *bullying,* discutindo seus conceitos e sua trajetória até chegar ao Brasil, fazendo um sobrevoo sobre os tipos de *bullying* e suas características, os protagonistas, as causas e as consequências, o papel do gestor escolar e do professor diante de tal prática. Já a terceira seção trata das diferenças sociais e culturais e suas relações com a prática do bullying. A quarta seção apresenta a análise dos dados. Após, traz-se a conclusão, além das referências bibliográficas,

BULLYING UM FENÔMENO ATUAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Gomes e Sanzono (2013) abordam que dois momentos históricos remetem ao surgimento da violência no contexto escolar. O primeiro momento refere-se ao século 387 a.C, no berço da civilização europeia: a Grécia Antiga. Esse período reflete também, um modelo de escola, no qual as crianças eram educadas de maneira mais informal - sem divisão de séries ou sala de aula – a partir dos ensinamentos de Platão. O segundo momento, por sua vez, é referente ao século XII, mais precisamente no auge do Renascimento. Esse período é marcado pelo surgimento das escolas, cujos padrões são utilizados até os dias atuais: alunos, professores, diretor, divisão de turmas, salas de aula. Ainda que o *bullying* seja bastante antigo, somente nas últimas décadas a temática passou a ser estudada de maneira sistemática.

Shariff (2011) aponta que na América do Norte e no Reino Unido, por sua vez, o tema só ganhou importância somente na década de 1980. Isso se deve ao fato de, até então, o *bullying* ser encarado como algo normal, rotineiro. Assim, em instituições, como o exército e as universidades americanas, o *bullying*, que recebeu o nome de “trote”, passou a ser aplicado em novos membros desses grupos. Nos

internatos britânicos, ocorria uma prática denominada "*squashing*" que, inclusive, tinha o apoio das autoridades responsáveis.

Contudo, o que chamou a atenção para que fossem iniciados estudos acerca da temática foi o suicídio de alguns adolescentes no norte da Noruega, na década de 1980, cuja motivação pode ter sido a prática de *bullying* contra eles. A partir daí, o Ministério da Educação norueguês criou uma campanha de prevenção ao *bullying*, que foi desenvolvida por Dan Olweus e Ronald, chamando atenção para que outros pesquisadores também iniciassem pesquisas sobre o assunto, dada sua relevância para a sociedade (OLWEUS, 2013).

Desse modo, conforme Linhares (2012), foi na década de 80 que Olweus elaborou o primeiro estudo sistemático de intervenção contra o *bullying* no mundo, com o intuito de diferenciá-lo de quaisquer outras explanações, imprevistos e chacotas e até mesmo de analogias de brincadeiras próprias da idade, comuns entre os indivíduos.

Esse estudo de Olweus (2013) abrangeu inúmeros alunos, seus pais e diversos professores dos mais variados períodos de ensino, e objetivou medir a natureza e o episódio do *bullying*. Por meio de questionários, foi possível verificar suas particularidades, sua influência, aferir o choque que ocasionava em suas vítimas, as influências que exercia, bem como sua constância, os tipos, os lugares mais comuns de ocorrência, os agressores e ainda a percepção quanto ao número de agressores envolvidos (SILVA, 2010).

Na década de 1990, os Estados Unidos também assistiram a uma epidemia de tiroteios em escolas, sendo o massacre de *Columbine* o caso mais notório. Ainda que os atiradores costumam suicidar após praticarem a violência armada, um padrão demonstra que o motivo para suas ações se refere ao fato de terem sido vítimas de *bullying* durante algum momento de suas vidas, inclusive, no âmbito escolar (SHARIFF, 2011).

A partir dessas constatações, fica implícito que o *bullying* é um fenômeno antigo, mas seu estudo científico não. Vale dizer que este é um dos tipos de violência que acontece entre duas ou mais pessoas em qualquer lugar. Entretanto, com maior frequência no âmbito educacional, envolvendo atos de humilhação, ameaça e depreciação que na maioria das vezes acontece entre pares. As vítimas mais frequentes são crianças e adolescentes. Shariff (2011) indica que nas escolas o *bullying* costuma acontecer em áreas em que há pouca ou nenhuma vigilância de adultos e ocorre com maior frequência nos corredores, nos banheiros, nas aulas de educação física ou durante aulas que necessitam que sejam formados grupos de trabalho.

Isso se deve ao fato de a escola ser um espaço diversificado, que reúne alunos com diferentes experiências de vida, diversas faixas etárias, níveis sociais, condições socioeconômicas e culturais, e que

estão sujeitos a presenciar, promover ou serem vítimas dos diferentes tipos de violência (FERNANDO, 2016). Sharrif (2011) complementa, assinalando que o *bullying* pode ser instigado e até mesmo praticado, também, por professores.

Diante do contexto histórico acerca do início dos estudos de *bullying,* é importante trazer a conceituação da temática. Nesse sentido, Weimer e Moreira (2014) afirmam que a prática de *bullying* no contexto escolar é uma forma mais específica de violência, que ocorre de maneira velada e silenciosa, causando transtornos nos envolvidos em sua prática.

Segundo Silva e Borges (2018), a palavra *bullying* surgiu do termo inglês "*bully"*, que significa valentão, brigão. Em sua tradução para o português, acabou sendo mantida com esse nome por não haver uma tradução em muitos países. Caracteriza-se como atos violentos para: ridicularizar, discriminar, ofender, zombar, colocar apelidos humilhantes e discriminatórios praticados repetidas vezes contra uma pessoa considerada indefesa, com o intuito de intimidar, agredir e humilhar, causando sérios danos psicológicos e físicos à vítima.

Nesse sentido, o *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes violentas que podem ser tanto de ordem física quanto psicológica. Além disso, dá-se de forma propositada ou recorrente, sendo praticado por um *bully* (o agressor) *versus* uma ou mais vítimas que se acham incapazes de se defenderem dos ataques sofridos (SILVA, 2010).

OS TIPOS DE BULLYING

Para compreender os tipos de *bullying*, é importante ressaltar que sua ocorrência possui duas formas de manifestação: direta e/ou indireta. Santos e*t al.* (2014) advoga que o *bullying* do tipo direto ocorre de maneira: física (bater, empurrar, chutar etc.); verbal (colocar apelidos humilhantes, ridicularizar, ameaçar etc.); e psicológico (marginalizar, não permitir a participação em determinada atividade). Já o tipo indireto pode ser evidenciado também de forma física, entretanto, com outro contexto (destruir materiais de estudo, roubar objetos etc.); verbal (criticar, espalhar boatos, falar mal do outro, etc.); e psicológico (desprezar, ignorar, etc.).

O autor supracitado corrobora em relação ao gênero dos alunos, dizendo que os meninos participam mais de situações de violência direta, como insultar, ameaçar, roubar e agredir, do que as meninas que agem mais indiretamente, a exemplo de quando falam mal do(a)s outro(a)s. Para Fante (2005), a violência escolar versa sobre ofensas, intimidações, apelidos que levam ao constrangimento, gozações que afligem intensamente, incriminações injustas, ações em grupo que hostilizam e ainda

ridicularizam a vida de outros alunos, induzindo à exclusão, sem contar ainda com os danos de ordem física, psíquica, e impactos negativos no aprendizado.

O agressor justifica suas ações, procurando algum tipo de atitude negativa da vítima. De sua perspectiva, a vítima é culpada por suas ações hostis e, como resultado, ele acredita que tem o direito de humilhar, menosprezar e condenar aqueles com quem convive. Mattos e Jaeger (2015) acrescentam o *bullying* homofóbico como um dos tipos frequentes que ocorre em encontros escolares onde prevalecem fortes expectativas de gênero, especialmente nas questões envolvendo comportamentos, atitudes, expressões e papéis sociais, punindo, assim, aqueles que não se enquadram nos estereótipos masculinos e femininos.

É importante ressaltar que escolas e institutos são peças fundamentais na socialização durante a infância e a adolescência, bem como nos processos performativos e de construção de identidade. A sociedade é cada vez mais plural, e este fato também se evidencia na pluralidade das diversidades afetivo-sexual e de gênero que estão presentes em todas as áreas da vida e, portanto, também nas salas de aula. Mesmo assim, é importante estar ciente de que nos espaços educacionais existe um problema que os alunos sofrem: o *bullying* (BAZZO, 2020).

Portanto, serão abordadas a seguir as características específicas de cada tipo de *bullying*, para maior conhecimento e compreensão a respeito da temática.

***Bullying* Físico**

Existem diversos tipos de *bullying, mas* nem todos têm o mesmo estilo: alguns agressores usam a força física e provocam do assédio ao bater, chutar ou empurrar; outros, por outro lado, não o fazem tão abertamente, são mais reservados e manipuladores e procuram exercer o controle por meio da persuasão e da mentira. Os agressores, usando sua força física, enviam mensagens indiretas, através dos mais fracos do colégio, aos observados ao seu redor para demonstrarem sua supremacia e até que ponto podem causar danos pela violência se alguém os trair; suas surras são cruéis e intencionais a ponto de causar danos (SILVA, 2010).

Os adolescentes que sofrem com o *bullying* são violados pelos seus pares mais fortes, estes últimos tornam-se os valentões do colégio. Muitos são os gritos silenciosos que ficam trancados na mente e no corpo de suas vítimas e que permanecem como marcas latentes que os preenchem de insegurança, de medo e de baixa autoestima. Ao observarem a presença do agressor, os olhares daqueles que se silenciam pelo medo ficam estáticos, não relatam o abuso por medo de serem a próxima vítima.

Contudo, os agressores buscam em suas vítimas algumas características que facilitam a ação de domínio sobre elas, a saber: cor da pele; cor do cabelo; orientação sexual divergente da biológica; altura; peso; dependência parental ou materna; uso de óculos; timidez; não ter amigos; ser fisicamente fraco; os que, de certa forma, estão desprotegidos (SANTOS *et al.* 2014).

Bullying Verbal: oral e/ou escrito

O *bullying* não físico (antes conhecido como agressão social) pode ser oral ou escrito. O assédio oral inclui: ligações ofensivas; intimidação geral ou ameaças de violência; atribuição de apelidos; comentários ou insultos racistas; linguagem sexualmente indecente ou ofensiva; insultos maliciosos ou comentários cruéis; propagação de falsos e maliciosos rumores. As violências de *bullying* escritas mais comuns são: ridicularizar com palavras escritas, ameaçar por meio de cartas, bilhetes *e-mail etc*. A violência verbal é a forma mais rápida de o agressor testar sua capacidade de desestabilizar a vítima e ter controle sobre ela (SANTOS *et al.,* 2014).

A linguagem verbal é o bloco de construção por meio do qual emergem as habilidades de comunicação social construtivas ou destrutivas. Portanto, esse tipo de *bullying* ocorre quando o agressor usa a palavra maliciosamente para causar angústia a outra pessoa e, assim, se sentir poderoso. A agressão verbal se enquadra na ofensa ou lesão mencionada no Código Penal, pois é considerada um fato que ofende a honra ou a fama, por ser um ultraje de palavras com intenção de desonrar. Pode-se mencionar dois subtipos de agressão verbal: direta e indireta (LINHARES; FARIA; LINS, 2013).

Agressão verbal direta é a forma de utilizar a linguagem oral ou escrita para agredir outras pessoas sem subterfúgios ou interlocutores. A agressão verbal indireta geralmente contempla a disseminação de boatos falsos e mal-intencionados, gerados secretamente pelas costas da vítima. Uma pessoa pode ser agressiva até mesmo ao falar para manter a sua posição, mesmo que não se torne violenta, ou seja, ela é obrigada a utilizar de atos ou de palavras que ameaçam a dignidade, a honra de outrem. A maioria dos alunos que está entre a meia-adolescência aumenta a velocidade de suas respostas agressivas, que são mais elaboradas e suas críticas mais dolorosas devido à maturidade e fluência linguística (COELHO, 2016).

A agressão física e verbal direta é considerada uma forma de agressão aberta, enquanto a exclusão social direta, indireta e a agressão verbal indireta são consideradas por alguns autores uma forma de agressão relacional. Comportamento verbal e exclusão social, em suas duas formas, junto com a ameaça por meio do uso de armas, são o que alguns autores chamam de abuso emocional. Embora existam várias classificações, a verdade é que os agressores geralmente não usam apenas uma forma de

abuso, mas combinam várias ao mesmo tempo. Um grande consenso pode ser encontrado quando se trata de levantar os elementos-chave para definir maus-tratos entre pares (SOUSA-FERREIRA; FERREIRA; MARTINS, 2014).

Bullying Psicológico e/ou Moral

O *bullying* de caráter psicológico e/ou moral também pode ocorrer a partir da discriminação, seja ela envolvendo questões de orientação sexual, étnico-racial ou outros aspectos. O respeito às diferenças, independentemente de qualquer que seja, ainda é algo que necessita de avanços, na escola e na sociedade em geral. Entretanto, para que se possa ter uma sociedade que não discrimine o seu próximo, é necessário que a escola exerça parte importante desse papel no que se refere ao respeito entre as pessoas, pois o ambiente escolar é um lugar propício para se trabalhar a conscientização e a formação cidadã (BRINO; LIMA, 2015).

Alguns indivíduos podem experimentar o *bullying* de maneira discriminatória e preconceituosa simplesmente pelo perfil étnico-racial, por ter uma orientação sexual "diferente dos padrões estabelecidos pela sociedade" ou por praticar uma religião divergente da praticada pelo agressor.

Uma das causas do *bullying* pela questão religiosa é o fato de algumas religiões possuírem uma doutrinação acerca da imagem corporal bem específica, distinta da forma como as outras pessoas se vestem ou se comportam. As designações religiosas podem interferir no tamanho do cabelo, nos tipos de roupas, no uso de maquiagem etc. O quadro de *bullying* nesses casos agrava-se quando a criança é impedida pelos pais ou responsáveis de participar de manifestações culturais, como festas de carnaval, festas juninas, festas folclóricas, aniversários dos colegas ou do próprio aluno, na escola, por motivos religiosos. Além disso, pessoas com linguagem corporal e aparência distintas que destoam do senso comum são motivo de chacota, característica das agressões em geral ainda presentes na escola. A orientação sexual de alguns alunos também pode ser alvo dos agressores (PEREIRA *et al.,* 2014).

Em decorrência desses comportamentos, muitos de nossos adolescentes, ao redor do mundo, todos os dias, têm que sustentar lutas psicossociais por medo de que algum segredo que, inocentemente, confidenciaram a alguma pessoa que se passou por seu amigo, por seu confidente, torne público. Aquilo que eles guardavam para si pode se transformar em arma contra eles próprios. Eles temem que seus segredos sejam um dia usados para ganho pessoal, maquiavelicamente, manipulados ao bel prazer do agressor, o que os levaria a se tornarem um fantoche pessoal para que façam favores que vão contra a sua vontade, prejudicando, assim, a sua integridade física e moral (KUHN; LYRA; TOSI, 2011).

Bullying Social

O *bullying* social tem características complexas. Geralmente acontece quando a vítima é esquecida por seus pares. O intimidado sente-se invisível nas aulas, no intervalo e nos momentos de coletividade. As vítimas tendem a se isolar e evitar se reunir com outros colegas. Geralmente é mais comum entre meninas e suas consequências podem ser piores do que o *bullying* físico, por conta de fatores sociais, culturais e de vulnerabilidade (SOUSA-FERREIRA; FERREIRA; MARTINS, 2014).

A escola e os professores, especialmente nesses casos, precisam desempenhar o seu papel da melhor maneira possível, pois um acompanhamento escolar sério possui alta relevância, ele é um dos responsáveis em buscar técnicas e soluções no que diz respeito à diversidade e aos conflitos sociais e de gênero, inibindo a segregação entre meninos e meninas, o que, por vezes, ocasionam o *bullying*.

Bullying Sexual

A violência na adolescência não é apenas um problema que envolve a família do acometido, mas um grave problema de saúde pública que deve ser observado em todos os contextos que envolvem os jovens. Nesse sentido, o *bullying* e o abuso sexual são os subtipos de violência a que os adolescentes estão mais vulneráveis, e que ocorrem dentro de casa, fora de casa, nas instituições diversas e nas escolas (FONTES; CONCEIÇÃO; MACHADO*;* 2017).

O *bullying* e abuso sexual, apesar de sua singularidade, são fenômenos que têm inúmeras consequências semelhantes para alvos e vítimas. Relativamente, conforme apontam Chaves e Sousa (2018) no que se refere tanto aos indivíduos que sofrem *bullying* quanto aos que o praticam*,* vários estudos têm revelado o desenvolvimento de sérios conflitos, a exemplo de: dificuldades de comunicação; depressão; suicídio e/ou homicídio; perturbações do desenvolvimento; mau rendimento acadêmico, evasão escolar e/ou abandono escolar. Outros dois autores, Florentino (2015) e Landini (2011), ainda acrescentam outros problemas decorrentes dessa prática para ambos os envolvidos, como: dificuldade de ajustamento interpessoal, sexual e emocional e de relacionamento com figuras masculinas; sentimento de culpa; autoagressão; isolamento; despersonalização; transtorno de ansiedade, entre outros.

O assédio sexual entre pares é uma das muitas formas de violência invisível nos estabelecimentos, entendendo esse comportamento como qualquer tratamento que envolva tocar o corpo de meninas ou meninos sem o seu consentimento, fazer gestos obscenos, exigir favores sexuais e

ultrapassar o nível de relacionamento com um parceiro em uma proporção não aceita pelo outro (SOUSA-FERREIRA; FERREIRA; MARTINS, 2014).

Bullying Homofóbico

Qualquer adolescente pode ser alvo de *bullying* homofóbico, quando é perseguido em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. No entanto, os jovens que se identificam como homossexuais ou trans tendem a sofrer mais. As evidências mostram que a convivência escolar no país tende a subestimar a diferença e a diversidade, sendo fortemente marcada pela violência entre os membros da comunidade educacional. A agressão com conotações homofóbicas e sexistas é uma prática recorrente nas escolas (MATTOS; JAEGER, 2015).

Muitos são os estudos que se referem às agressões sofridas por adolescentes e jovens e alguns meninos e meninas que não se adaptam aos papéis sexuais, mesmo que se considerem heterossexuais. Vecchiatti (2015) aborda sobre o assunto, dizendo que:

> [...] falar em coibir a discriminação em razão de orientação sexual e identidade de gênero implica única e exclusivamente proteger as crianças LGBT nas escolas, respeitando sua sexualidade ou o gênero com o qual se identificam, ao passo que falar em coibir a discriminação por gênero significa proteger as meninas (transexuais) dos efeitos do machismo. Significa unicamente proibir o *bullying* homofóbico, impor o respeito às identidades LGBT (sem "fazer apologia" nenhuma orientação sexual ou identidade de gênero, apenas ensinar crianças e adolescentes que colegas LGBT devem ser respeitados/as) e enfrentar o machismo nas escolas. Quem se opõe a isso não se pode dizer verdadeiramente comprometido(a) com os direitos humanos (VECCHIATTI, 2015, p. 05).

A homofobia foi analisada em muitas ocasiões como um elemento isolado dentro de nosso sistema sociocultural e, ainda assim, é apenas a parte mais marcante de uma estrutura que ataca muitas formas de ser e sentir. Apesar da "revolução" que vivemos desde o final da década de 1950 e, principalmente, a partir da década de 1960, o modelo baseado na sexualidade reprodutiva vivido pelos antepassados continua aqui, embora já tenha evoluído com algumas transformações importantes (MATTOS; JAEGER, 2015).

Contudo, esse tipo de b*ullying* não se restringe às escolas, mas é ampliado quando se trata, também, da busca pelo atendimento à saúde. Assim diz Silva *et al* (2021, p. 124):

> A discriminação também é encontrada durante a procura por assistência em saúde. Os serviços não põem um fim no ciclo de violência, pelo contrário, muitos transtornos são relatados no atendimento prestado, como a falta de conhecimento dos profissionais, a ineficácia na resolução dos problemas, o ato de tratar o paciente pelo nome de registro e olhares, falas e gestos que sugerem um julgamento moral às vítimas.

Assim, ressalta-se a importância da educação sexual e *anti-bullying* nas escolas, pois isso reflete em outros espaços, a exemplo de hospitais, clínicas, postos de saúde e quaisquer outros onde a sociedade em geral possa frequentar. Compreende-se a educação sexual como aspecto da educação geral e que ela se constitui como um processo contínuo, diferenciando-se em educação sexual formal e informal. Vieira e Matsukura (2017) também discutem os modelos de educação sexual ao conceituar a educação sexual informal como aquela que não é intencional, envolvida por um processo global no cotidiano como acontece nos ambientes familiares, religiosos, onde se transmite normas, valores e concepções; e a educação formal como uma educação intencional, deliberada, institucionalizada, planejada, feita dentro ou fora da escola como também em programas de intervenção ou em aulas e cursos.

Bullying* Virtual ou *Cyberbullying

O homem violento consegue aumentar os efeitos destrutivos contra outras pessoas também por meio do alcance da tecnologia. Atualmente, conta-se com um amálgama de novos serviços tecnológicos que proporcionam uma comunicação diferenciada, ágil, atual e ativa em tempo real, porém, informações prejudiciais aos usuários também chegam através dos meios de comunicação. A agressão que exerce violência pelas telas tem sido chamada de ciberassédio, conhecido também como *cyberbullying* (SANTOS *et al.,* 2014).

A internet é uma ferramenta eficaz que permite aos cidadãos estarem ligados e atentos aos diferentes acontecimentos sociais, políticos e econômicos a nível nacional e internacional em questão de segundos. Além disso, por meio da internet é possível a troca de informações através de redes sociais (como Instagram, Twitter, Facebook, entre outros) com diferentes pessoas ao redor do mundo, por meio de endereço eletrônico, páginas da web e plataformas virtuais. De fato, é um equipamento importante e necessário, mas pode se tornar um instrumento perigoso devido às inúmeras informações prejudiciais, a exemplo dos assédios virtuais e das postagens com o objetivo de causar danos com mensagens e vídeos obscenos e humilhantes que ameaçam a dignidade e o prestígio das pessoas (SOUSA-FERREIRA; FERREIRA; MARTINS, 2014).

O *bullying* virtual ou *cyberbullying* é um fenômeno novo derivado de grandes avanços tecnológicos. Isso é feito por meio de e-mails, blogs, páginas pessoais, *chats*, ligações via redes sociais e mensagens de texto. Essas ferramentas dão a oportunidade para pessoas de má fé enviarem mensagens no anonimato, inclusive, com conteúdo que inclui ameaças, difamação, grosseria e diferentes formas de comunicação agressiva e violenta. (COELHO, 2016).

Existem leis e profissionais especializados para investigar e punir os casos de *cyberbullying. P*or mais que os agressores permaneçam anônimos e demonstrem não se importar com a dor e o sofrimento da vítima, quando são descobertos, são submetidos a leis rígidas e tendem a ser devidamente punidos por tais práticas (KUHN; LYRA; TOSI, 2011).

A seguir será tratado sobre o protagonismo do fenômeno em questão.

OS PROTAGONISTAS DO FENÔMENO *BULLYING:* IDENTIFICANDO QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS

Richard, Schneider e Mallet (2011) abordam que, inicialmente, os estudos acerca do *bullying* voltaram sua atenção para a vítima e o agressor, constituindo assim, um modelo diádico. Entretanto, ao se considerar que o *bullying* é um fenômeno social que não ocorre em um vazio social, assume-se que a sua prática costuma ser testemunhada por pares. Emerge daí um terceiro grupo que vem para compor um modelo triádico no que se refere à definição e à análise acerca do *bullying*.

Dessa maneira, para que o *bullying* ocorra é necessário que haja no mínimo dois protagonistas envolvidos na ação, a vítima e o agressor. No entanto, em algumas ocorrências pode haver até três elementos, pois a literatura categoriza os envolvidos na prática do *bullying* pelo papel que desempenham na dinâmica do relacionamento, sendo: a vítima (alvo da agressão), o agressor (autor do *bullying)*, e a testemunha (espectador do *bullying*), esta última pode interferir nas situações estimulando ou inibindo sua ocorrência, ou apenas cumprir papel de quem assiste à cena. Fica transparente que cada um dos participantes tem uma característica peculiar, e com nível de participação distinto.

Serão abordadas a seguir as características de cada um dos protagonistas, para maior conhecimento e compreensão a respeito desse contexto.

Espectador/testemunha

O reconhecimento das testemunhas dá a elas um papel importante nessa dinâmica, ainda que não sejam eles os agressores, tampouco as vítimas, mas que, por testemunharem, exercem um papel fundamental e ativo na dinâmica da situação. Logo, testemunhas são todos aqueles que possuem uma relação com os protagonistas, nesse caso do *bullying* (vítima e agressor). Desse modo, tomando como exemplo o ambiente escolar, as testemunhas podem ser outros alunos, funcionários da escola, pais, demais familiares, e outros colegas dos protagonistas (GOMES; SANZONO, 2013).

Conforme já abordado, o espectador (ou testemunha) geralmente presencia a ação, pode intervir ou não em algum momento, tentando inibir, estimular ou, simplesmente, assiste a tudo. Existem

diversos motivos que contribuem para que a testemunha não se manifeste durante a ocorrência do *bullying* que podem estar relacionados com o medo de passar por retaliações; por ser indeciso e acovardar-se; por sentir prazer em ver a agonia do agredido e não ter atitude de fazer determinada ação a fim de interferir; entre outras razões.

Vítima/alvo

A vítima é alguém que traz em suas características algo que a faz ser desigual perante os outros, e isso a torna motivo para ser alvo dessas ações. Geralmente, ela acovarda-se perante os membros de sua família, por sentirem medo das proporções que as agressões podem tomar. Costuma se fechar em seus mundos, distanciando-se das outras pessoas por medo, sofre com pesadelos, falta de sono e tenta, de todas as formas, ausentar-se das aulas, inventando as mais diferentes desculpas com um único fim de não sofrer as humilhações e os ataques a que é submetida em seu dia a dia.

As vítimas de *bullying* podem desenvolver quadros depressivos que culminam com seu suicídio e costumam apresentar certas peculiaridades psicológicas que poderão induzir à percepção de que algo está errado. São ansiosas, inseguras, passivas, acanhadas, não conseguem ter uma atitude mais enérgica, mais hostil e, por isso, tornam-se perfeitas para o agressor que, ao vê-las amedrontadas, terá mais sucesso em seus métodos sarcásticos, podendo, inclusive, ter o apoio de outras pessoas nas execuções. As características das vítimas apontadas aqui ganham eco nas palavras de Fante (2005):

> Durante o intervalo do recreio a vítima está comumente isolado e apartado do grupo, ou busca permanecer próximo do professor ou de qualquer adulto; na sala de aula apresenta dificuldade de falar perante os outros alunos, manifestando-se de forma insegura ou ansiosa, nos jogos em grupo é geralmente o último a ser selecionado; mostra-se comumente com aparência contrariada, triste, deprimido ou atormentado; exibe descuido gradual nas tarefas escolares; expõem em vários momentos contusões, feridas, cortes, arranhões, roupas rasgadas, de formato não natural; se ausenta das aulas com alguma constância; perde quase sempre seus pertences (FANTE, 2005 p. 74- 75).

Acrescentando, ainda, às palavras de Fante (2005), pode-se dizer que, em geral, as vítimas são indivíduos introspectivos, fora do padrão corporal imposto pela sociedade como sinônimo de beleza, raça, religião ou orientação sexual.

Agressor/autor

Na visão de Felizardo (2017), os agressores ou autores de *bullying* possuem uma personalidade dominante, de liderança e, provavelmente, desde muito pequenos, conseguem controlar as pessoas.

Além disso, possuem uma capacidade de percepção mais elevada e mais sutil que os demais. Esse domínio é utilizado não apenas para provocar maus-tratos, mas também para controlar os outros e alimentar em si um sentimento de onipotência. De maneira geral, costumam se satisfazer por meio de ações que provoquem danos sobre terceiros.

Segundo o autor supramencionado, os estudos de Olweus (2013) apontam que os principais motivos que levam os alunos a se tornarem autores de *bullying* são:

> Possuírem forte necessidade de estar no controle e subjugar outras pessoas;
>
> Sentirem-se satisfeitos em causar dores e sofrimentos a terceiros;
>
> Poderem ser recompensados, material ou psicologicamente, por apresentarem tais comportamentos.

É bastante comum que alunos intimidadores apresentem características parecidas com as de algum familiar. Pais que não possuem bons relacionamentos com os filhos os influenciam com maus exemplos (FELIZARDO, 2017). Em concordância, Silva (2010) denota que algumas das causas que podem contribuir para os agressores praticarem o *bullying* estão ligadas aos contextos familiares que incluem: falta de limites; vivências de dificuldades momentâneas como separação dos pais e, ainda, há aqueles que possuem a transgressão como base estrutural de suas personalidades (SILVA, 2010).

Capucho e Marinho (2008) também apresentam alguns fatores que colaboram para que uma criança ou adolescente se torne um agressor, como por exemplo, a dificuldade em se relacionar com outras pessoas, o desejo de se sentir superior e temido pelos outros, o gosto pela sensação de poder, o desejo de ter todas as suas vontades atendidas, os maus-tratos sofridos pela família, entre outros.

Ademais, o autor de *bullying* pode agir sozinho. Contudo, devido sua característica de líder, tende a "recrutar" seus agentes. Isso quer dizer que outros colegas o ajudam em suas ações de intimidação. Logo, o intimador age de forma camuflada nesse grupo, fazendo com que os outros participantes pratiquem as maldades por ele, de modo que estes sejam responsabilizados em seu lugar (FELIZARDO, 2017).

Osório (2013) destaca que o sujeito que colabora com o intimidador não possui coragem ou autoestima suficiente para enfrentar situações adversas e identifica no agressor traços que admira e gostaria de ter para si. Logo, a participação nesse processo garante aos colaboradores papeis de protagonismo, os quais não teriam naturalmente, já que eles podem ser responsabilizados no lugar do agressor. Ou seja, ficam presos numa lógica em que é melhor ser visto como uma má pessoa do que não ser visto.

Fante (2012) enfatiza que apesar dos autores de *bullying* terem total consciência de suas ações, já que estas são planejadas e executadas, desconsideram que podem ser responsabilizados por seus atos. Geralmente, as crianças e adolescentes não possuem consciência de que estão atuando com tamanha agressividade e das responsabilidades que lhes devem ser atribuídas, bem como aos responsáveis.

DIFERENÇAS SOCIAIS E CULTURAIS: SUAS RELAÇÕES COM A PRÁTICA DO *BULLYING*

É perceptível que a prática do *bullying* não está relacionada com uma única causa, visto que uma gama de fatores pode desencadear o fenômeno. Nesse sentido, é difícil destacar causas relacionadas ao *bullying*, vez que não contribuem para o entendimento de sua prática, já que se trata de um fenômeno puramente dinâmico e circunstancial. Contudo, ainda que as motivações para a prática do *bullying* não possam ser taxativamente expressas, sabe-se que as diferenças tendem a ser motivadores para que a prática ocorra (GOMES; SANZONO, 2013).

Nessa perspectiva, ainda consoante os autores, é impossível compreender as motivações desencadeadoras do *bullying* sob uma ótica isolada, sob um único prisma. Assim, cabe destacar também que os envolvidos no contexto de *bullying* vão além da tríade vítima, agressor e testemunhas e se expandem para o ambiente no qual a violência se instaura, geralmente a escola.

Ainda que a diversidade de culturas, de etnia e de religiões estejam presentes em todo o planeta, o que se espera nos cenários sociais é a convivência prática desses diferentes grupos. Na prática não é exatamente isso o que acontece (GOMES; SANZONO, 2013). Assim como a diversidade, o *bullying* também é um fenômeno social e, como tal, está correlacionado com as dinâmicas de igualdade, diversidade, inclusão e exclusão social. A exclusão social na escola manifesta-se, portanto, nessa prática, reproduzindo o padrão social excludente da diferença. Sofre *bullying* aquele que se afasta dos padrões socialmente aceitos.

De maneira geral, os alunos habitualmente sujeitos a discriminação e preconceito pertencem a comunidades minoritárias, a grupos estigmatizados pela sociedade ou de pessoas com características individuais que são percebidas como indesejáveis e/ou negativas. Destacam-se nesse contexto a orientação sexual quando diverge da heterossexualidade, a classe social desfavorecida, a etnia, a religião, e as características físicas, entre outras razões (QUADRADO; FERREIRA; LIMA, 2018). São, portanto, práticas que reproduzem o racismo, o machismo, a intolerância religiosa, as diferenças estéticas que se afastam do padrão de beleza assentado culturalmente e as diferenças etárias, por exemplo.

ANÁLISE DOS DADOS

Conforme mencionado na introdução deste artigo, foram realizadas 9 (nove) rodadas de conversa com os 6 professores participantes da pesquisa, na tentativa de buscar informações acerca da prática de *bullying* na escola da periferia de Manaus *locus* deste estudo. Além disso, 24 (vinte e quatro) alunos responderam ao questionário com 11 (onze) perguntas de múltipla escolha. Para esta análise, então, será mostrado o resultado dos dados coletados do questionário e das rodas de conversa.

O questionário

Devido ao espaço dedicado a esta subseção, serão amalgamadas algumas perguntas do questionário, por serem parecidas ou facilitarem a análise dos referidos dados. Dessa forma, as perguntas 1 e 2; 3, 4 e 5; 6, 7 e 8; 9, 10 e 11 serão analisadas nesses respectivos blocos.

As perguntas 1 e 2 são: "Por que você acha que alguns colegas maltratam outros na escola?" e "Você já viu algum colega ser maltratado?", ao que os alunos informam que a frequência dos maus-tratos vistos por eles alterna de 1 a 6 vezes por semana, sendo que 4 alunos disseram que nunca viram ações do tipo entre os colegas, e os motivos que mais aparecem no questionário são: 19,3% agridem por brincadeira; 7% porque os agressores são mais fortes; 12,3% por falta de punição; 12,3% porque são provocados; 28,1% por quererem mostrar que são populares; e 21,1% deram outras justificativas.

O que se nota é que a frequência de maus-tratos é alta, considerando que estão sendo contabilizadas as agressões vistas pelos alunos que responderam ao questionário, e que esse total compreende um percentual de 8,7 % dos alunos da escola, visto que a pesquisa foi realizada com alunos dos 8º e 9º anos. No que se refere aos motivos que envolvem os agressores, aparentemente, são banais, mas envolvem a vivência de cada um deles, e isso precisa ser melhor investigado pelos gestores da escola, para que ações eficazes sejam implementadas, pois não basta punir ou diminuir a incidência dentro da escola, é preciso agir na raiz do problema para que essas agressões não mudem de cenário apenas.

As perguntas 3, 4 e 5 são: "De que maneira você tem sido maltratado na escola?", "Quantas vezes você foi maltratado(a)" e "Quem maltratou você?", respectivamente. A pergunta 3 foi respondida com: apelidos; ameaças; comentários maldosos; zombaria; desprezo e indiferença; prejuízos materiais e violência física. Essas ações variam entre 2 e 5 vezes por semana, sendo que 10 (dez) dos 24 (vinte e quatro) informantes afirmam nunca terem sido vítimas de *bullying*. Os 14 (quatorze) alunos que já sofreram maus-tratos deram a seguinte informação: 50% (7 alunos) foram agredidos por alguém do sexo

masculino; 42,8% (6 alunos), por ambos, masculino e feminino; e 7,2% (1 aluno) afirma ter sido agredido por uma professora.

Os dados chamam atenção para dois aspectos bastante interessantes: (i) as agressões, na sua maioria, atingem o emocional e o psicológico das vítimas, um dos outros tipos envolve danos físicos com os materiais escolares e outro envolve violência física que engloba socos, pontapés ou empurrões, com uma frequência de até 5 vezes por semana, o que, convenhamos, é um índice bastante elevado. Além do mais, todos são sabedores que o impacto de uma agressão psicológica ou emocional na vida de um cidadão é bem maior do que a dor física ou o prejuízo financeiro; (ii) entre os agressores há uma professora, que deveria combater tais práticas e age como um dos praticantes. Essa última informação choca e convoca a reflexões que devem acontecer não apenas com os alunos, mas com professores e funcionários da escola.

No tocante às perguntas 6, 7 e 8, "Como você se sentiu?", "Como você avalia o que aconteceu com você depois de sofrer maus tratos na escola?" e "Desde que ano você se sente maltratado(a)?", ficou evidente que os sentimentos experienciados pelas vítimas de *bullying* são variados, porém apresentam uma característica em comum: a negatividade. Entre eles, foram especialmente relatados o sentimento de rejeição, incapacidade, tristeza e desestímulo. Tudo isso gerou como consequência a perda de entusiasmo, de concentração, o medo, a vítima começou a faltar às aulas, foi reprovado, perdeu amigos, perdeu a confiança em si mesmo, entre outras. Os informantes ainda disseram que sofreram *bullying* entre os anos de 2016 e 2022, resguardadas as particularidades de cada informante. O interessante é que mesmo no período crítico da pandemia, anos de 2020 e 2021, essas práticas permaneceram, visto que as aulas dessa escola, em 2020, foram até meados de março e, em 2021, tiveram retorno no mês de julho.

Para as perguntas 9, 10 e 11, "Você já maltratou seus colegas na escola?", "Que aluno você maltratou?" e "Nesse ano, por quanto tempo duraram esses maus tratos?", os alunos forneceram os seguintes dados: 62,5% relataram nunca ter maltratado quaisquer colegas. Dos que praticaram maus-tratos a colegas, 37,5%, maltrataram de 1 a 2 vezes por semana. Quando considerados os motivos, 30% reagiram por terem sido provocados, 30% para se defenderem; 20% por brincadeira; 15% pelas características físicas do colega e 5% porque o colega merece.

Os dados evidenciam motivos fúteis para a prática do bullying, revelando que eles acontecem sem que os agressores deem conta da gravidade de suas ações na vida das vítimas, como mencionado por Fante (2005), fortalecendo, assim, a tese apresentada pelos professores de que há necessidade de conscientização dentro da escola. Ante a ausência de amparo dos professores e da escola, é perceptível que alguns estudantes se veem obrigados a encontrar mecanismos próprios para efetuarem sua proteção,

o que não traz benefícios nem para vítima e nem para o agressor, apenas incentiva a ambos a tornarem-se violentos, justamente por enxergarem esse meio como a única saída disponível para resolver os conflitos oriundos das relações interpessoais.

Por meio das respostas ao questionário, é possível perceber que, de fato, o *bullying* escolar é o fenômeno sistemático, reiterado e muito frequente na vivência das crianças e dos adolescentes submetidos a esse meio.

As rodas de conversa

Na primeira reunião, os professores e o pesquisador se apresentaram, ressaltando a formação, o tempo de exercício da atividade profissional, dentre outros aspectos. Verificou-se que os envolvidos na pesquisa percebem/reconhecem situações de *bullying* nas práticas educativas. Os professores disseram ter conhecimento de práticas de *bullying* das mais diversas dentro da escola e que tais ações são frequentes, tanto entre meninos quanto entre meninas e, também, envolvendo a ambos de forma recíproca.

Nas segunda e terceira reuniões discutiu-se acerca das ações de *bullying* na relação professor-aluno – aluno-aluno. Os professores disseram que as práticas acontecem também durante as atividades didáticas, no interior da sala de aula; e na linguagem utilizada pelos alunos no cotidiano escolar.

O quarto e quinto encontro das rodas de conversa, foram levantadas as ações de *bullying* existentes nessa relação professor-aluno – aluno-aluno. As formas mais comuns foram: brincadeiras de mau gosto na sala de aulas, na entrada e na saída da escola, no recreio, nos espaços de convivência na escola; por meio der xingamentos; de humilhação; de zombaria; de desrespeito; de práticas de racismo, entre outras.

Durante o sexto e sétimo encontro com os professores, analisou-se o resultado dos questionários aplicados aos alunos, discutiu-se e elaborou ações de intervenção junto aos discentes, a fim de minimizar a prática do *bullying* na escola. Dentre elas, estavam: realização de oficinas, tais como: Oficina 01: Roda de conversa com os alunos; Oficina 02: Jogo Cooperativo; Oficina 03: Elaboração de Infográfico; Oficina 04: Confecção de cartazes; Oficina 06: Filme “Bang-bang! Você morreu”; Oficina 06: Construção de Paródia. Todas as oficinas foram realizadas, bem participadas com discussão dos temas, envolvendo alunos, professores, pesquisador e psicólogas convidadas para o momento.

Para finalizar essa etapa, os professores e o pesquisador reuniram mais uma vez para avaliar o impacto das ações junto aos alunos e julgaram que foi um trabalho proveitoso, bem participado e

enriquecido com todas as contribuições dadas pelos alunos, do qual todos esperam que rendam bons resultados.

CONCLUSÃO

Neste estudo, foi abordado um tema que é prevalente nas instituições brasileiras - o *bullying* no contexto escolar. Discussões desse tipo são importantes para enriquecer a literatura educacional brasileira que necessita de novas publicações e pesquisas sobre o assunto, além de ser de interesse de um público amplo, que inclui professores, pesquisadores e estudantes universitários que acreditam na possibilidade de uma educação de qualidade, igualitária, com equidade e que respeite as diferenças que compõem a pluralidade do contexto escolar. Contudo, é interessante ressaltar que o *bullying* é um fenômeno antigo que pode acontecer em diversos lugares, mas é na escola a sua maior predominância.

Nessa linha, o *bullying* caracteriza-se como conjunto de atitudes violentas que podem ser tanto de ordem física e/ou psicológica, incluindo atos como ridicularizar, discriminar, ofender, zombar, colocar apelidos humilhadas, bater, empurrar, isolar, quebrar pertences pessoais etc. Ademais, uma das características que difere o *bullying* das demais formas de violência é a frequência dos atos.

Para além dos dados teóricos levantados neste estudo, foi realizada uma pesquisa em uma Escola Municipal, na cidade de Manaus-AM. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista com 06 (seis) professores que lecionam do 8º ao 9º ano, no turno matutino, na referida escola e de um questionário aplicado com 24 (vinte e quatro) alunos do 8º ao 9º ano.

Por meio das entrevistas com os professores, verificou-se que eles: já presenciaram o *bullying* por meio do racismo, abandono e ofensas verbais, tanto entre meninos quanto com meninas; (ii) acreditam que a articulação entre professores e alunos deve ocorrer por meio da conscientização, do desenvolvimento de ações e da atuação do professor.

Já com o questionário aplicado com os alunos, obteve-se os seguintes resultados: (i) os motivadores do *bullying* escolar perpassam por um desajuste interno do agressor em conjunto com violências sofridas no âmbito familiar; (ii) o *bullying* é habitualmente presenciado pelos estudantes da escola; (iii) diversas formas de *bullying* estão presentes na escola, sendo elas, físicas, verbais, psicológicas ou materiais; (iv) uma parte dos alunos já foi ou é maltratada; (v) a maior parte dos maus-tratos parte de meninos; (vi) os principais sentimentos gerados nas vítimas são de rejeição, de incapacidade, de tristeza e de desestímulo; (vii) as principais consequências para as vítimas são a perda de entusiasmo e de concentração, o medo de ir à escola e a ausência nas aulas; (viii) existem alunos que são maltratados por mais de 06 (seis) anos, e isso nunca foi percebido ou combatido pela escola; (ix) os

agressores praticaram o bullying por provocação, defesa, brincadeira, características físicas ou por entenderem que a vítima merecia.

Sendo assim, fica claro que as oficinas tiveram papel crucial para o desenvolvimento da pesquisa. Através delas foi possível a troca de experiências e o contato efetivo com os alunos e os professores, de forma a pensar ações de prevenção contra o *bullying.* A importância das atividades em grupos foi ressaltada através dos teóricos apontados e, de maneira pormenorizada, é possível constatar através da redação os progressos desenvolvidos através das atividades de cunho interpessoal. Em relação ao contexto, foi possível observar que a turma de alunos se mostrou, em todas as oficinas, engajada e participativa, e a interatividade aumentou à proporção em que eles se sentiam acolhidos e à vontade na realização das atividades, o que é positivo, pois é importante que o ambiente escolar seja humanizado e esteja preparado para lidar com as situações de *bullying* que possam vir a acontecer.

As diversas oficinas e suas diferentes metodologias contribuíram para o resultado deste estudo através da perspectiva antropológica. Pôde-se denotar que a principal chave para a prevenção do *bullying* consiste no trabalho aplicado de forma pessoal com os estudantes, contudo, de uma maneira estruturada e com auxílio de uma equipe interdisciplinar (professores, psicólogos, coordenação pedagógica e diretores).

Nesse contexto, pode-se afirmar que a relevância social deste estudo é inquestionável, uma vez que se trata de uma temática crucial e urgente para a escola do século XXI. Seus efeitos serão sentidos em uma sociedade mais harmoniosa, pacífica e humana, onde as pessoas possam conviver em paz. E, principalmente, a partir de ações que impliquem diretamente no aluno; poderá, ainda, haver uma transformação comportamental, e eles passarão a desfrutar de resultados positivos em seu processo de ensino-aprendizagem, elevando sua autoestima. É importante lembrar que nunca é demais ressaltar a importância desses resultados para o bem-estar de todos.

REFERÊNCIAS

BAZZO, J. “Falar de *bullying* sem dizer do gênero: dilemas do Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática nas escolas brasileiras (Lei n. 13.185/2015)”. **Anuário Antropológico**, vol. 45, n. 3, 2020.

BRINO, R. F.; LIMA, M. H. C. G. “Compreendendo estudantes vítimas de bullying: para quem eles revelam?” **Psicologia da Educação**, n. 40, 2015.

CAPUCHO, V. A. C; MARINHO, G, C. “Ciber*bullying*: uma nova modalidade de violência escolar”. **Construir Notícias**, vol. 7, n. 40, 2008.

CHALITA, G. B. I. **Pedagogia da Amizade - *Bullying***: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. "Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie". **Revista Brasileira de Educação**, vol. 23, 2018.

COELHO, M. T. B. F. "*Bullying* escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014". **Revista Psicopedagogia**, vol. 33, n. 102, 2016.

FANTE, C. **Fenômeno *Bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Editora Verus, 2012.

FANTE, C. **Fenômeno *Bullying***: como prevenir a violência e educar para a paz. São Paulo: Editora Verus, 2005.

FELIZARDO, A. R. ***Bullying* escolar**: prevenção, intervenção e resolução com princípios da justiça restaurativa. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

FERNANDO, A. "Violência e espaço escolar: um estudo acerca das manifestações de *bullying* na cidade de Manaus". **Revista Fragmentos de Cultura**, vol. 26. n. 1. 2016.

FLORENTINO, B. R. B. "As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes". **Revista de Psicologia**, vol. 27, n. 2, 2015.

FONTES, L. F C.; CONCEIÇÃO, O. C.; MACHADO, S. "Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental". **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 22, n. 9, 2017.

GOMES, L. F.; SANZONO, N. M. ***Bullying* e prevenção da violência nas escolas**: quebrando mitos, construindo verdades. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

KUHN, Q. L.; LYRA, L.; TOSI, P. C. "*Bullying* em contextos escolares". **Unoesc e Ciência - ACHS**, vol. 2, n. 1, 2011.

LANDINI, T. S. **O professor diante da violência sexual**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

LINHARES, A. "Dr. Dan Olweus: Pioneiro Em Pesquisas Sobre Bullying". **Blog Bullying Escolar** [2012]. Disponível em: <www.bullyingescolar.blogspot.com>. Acesso em: 27/04/2023.

LINHARES, R. D.; FARIA, J. P. O.; LINS, R. G. "O *bullying* na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas". **Revista Pensar a Prática**, vol. 16, n. 2, 2013.

MATTOS, M. Z.; JAEGER, A. A. "*Bullying* e as relações de gênero presentes na escola". **Revista de Educação Física da UFRGS**, vol. 21, n. 2, 2015.

OLIVEIRA, M.; RODRIGUES, D.; MIRANDA, C. "Imagem Corporal e *Bullying* entre adolescentes: práticas docentes na sala de aula". **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, vol.14, n. 86, 2020.

OLWEUS, D. "School bullying: development and some important challenges". **Annual Review of Clinical Psychology**, vol. 9, 2013.

OSÓRIO, F. ***Bullying***: matón o víctima cual és tu hijo: Buenos Aires: Urano, 2013.

PEREIRA, R. *et al*. "O *Bullying* e o desvelar dos estereótipos corporais nas aulas de educação física – uma abordagem freireana". **Revista Cientifica Internacional**, vol. 1, n. 31, 2014.

QUADRADO, J. C.; FERREIRA, E. S.; LIMA, E. "*Bullying* no ambiente escolar: relações de gênero em pauta". **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, vol. 4, n. 4, 2018.

RICHARD, J. F.; SCHNEIDER, B. H.; MALLET, P. "Revisiting the whole-school approach to *bullying*: Really looking at the whole school". **School Psychology International**, vol. 33, n. 3, 2011.

SALMIVALLI, C. "Participant role approach to school *bullying*: implications for intervention". **Journal of Adolescense**, vol. 2, n. 4, 1999.

SANTOS, J. A. *et al*. "Prevalência e Tipos de *Bullying* em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos". **Revista de Saúde Pública**, vol. 16, 2014.

SHARIFF. S. **Cyber*bullying***: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

SILVA, A. B. B. ***Bullying***: Mentes perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

SILVA, L.; BORGES, B. "*Bullying* nas escolas". **Revista Direito e Realidade**, vol. 6, n. 5, 2018.

SILVA, P. L. N. *et al*. "Homofobia e violência de gênero contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros no Brasil: revisão integrativa de publicações (2010 – 2020)". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 14, 2021.

SOUSA-FERREIRA, T.; FERREIRA, S.; MARTINS, H. "*Bullying* nas escolas de Guimarães: tipologias de *bullying* e diferenças entre géneros". **Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca**, vol. 12, n. 1, 2014.

TESSARO, M.; TREVISOL, M. T. C. "Formação de professores e o manejo de situações de *bullying* na escola: o que as pesquisas têm indicado?" **Revista Prâksis**, vol. 3, 2020.

VECCHIATTI, P. E. I. "Escolas devem abordar gênero e sexualidade para proteger alunos(as) LGBT". **Justificando** [2015]. Disponível em: <www.justificando.com>. Acesso em: 11/04/2023.

VIEIRA, M. P.; MATSUKURA, S. T. "Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública". **Revista Brasileira de Educação**, vol. 22 n. 69, 2017.

WEIMER, W. R.; MOREIRA, E. C. "Violência e *bullying:* manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 36, n. 1, 2014.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 41| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima